

B. Honjorte 19. mar 68.

Caro Máio,

hoje lhe envio algumas fotografias do trabalho para que você faça a apresentação.

Puro leva um cinquenta, entre gravuras em metal, serigrafia, desenho, pintura e objeto. Mais ou menos contínuo seguindo uma linha: recorte, amolados de formas, cores vivas, contrastes. Tudo bem definido, limpo, puro. Mesmo nas gravuras em metal, que agora faço em o "Linha" na Pictoria adoto o mesmo processo de recortar.

Os temas sempre foram e são a realidade: o que vejo, o que sinto quer no amor, na sociedade que me cerca ou pelo mundo. No último salão do Rio, de Arte Moderna, que estive, apresento "imagens da guerra". Um dos quadros me preocupa com a comercialização (a exploração do drama para as vantagens da venda de um produto) e no outro a

alienação. "Guerra é guerra, vamos sambar."
Do lado esquerdo há um filme da guerra e
do outro lado, a imagem do povo no
Rio, se divertindo sambando. Um deste
série, irá para S. Paulo. Neste abordo o
drama da mulher solitária que assiste
a morte de um jovem homem pelo video.

Faço agora três de uma série exótica para
"O cujo do prazer tem dois caras", "Área do
terreno" e "amantes encicicados" ~~em~~ em cores
bem fortes.

Vai a fotografia do trabalho que esteve
exposto no Rio, na Onda do desenho
industrial - que é um Tingo de ladainha,
com o título ~~de~~: Roberto Carlos, cantai por
us. São três em poemas e o cantor enci-
ficado entre a agonia dos fãs.

Tem a Caixa de fazer amor, e ainda
aqueles quadros da Bienal que não sei
como ^{sei} receber. Acredito ser suficiente para
voei emitir seu parecer. Aguardo ansiosa
sua apresentação e desde já lhe fico
muito grata. Um grande abraço da
amiga

Terinha Soares.